



casadesarmiento

centro de estudos do património

Se antes da invasão romana havia uma arte entre nós

Francisco Martins Sarmiento

A Arte Portuguesa, Porto, 1882 — Ano I, págs. 1, 19 e 26

O problema enunciado na epígrafe deste escrito, foi há pouco resolvido por alguns arqueólogos franceses num sentido, inteiramente oposto à opinião que por vezes tenho sustentado¹, o que me obrigou a tomar parte no debate.

Dando algum desenvolvimento à história desta discussão, entendo que não serei desagradável aos leitores de *A Arte Portuguesa*.

Tempos depois da visita, que alguns membros do Congresso Antropológico de Lisboa fizeram à Citânia, escrevia-me o sr. H. Martin: “Os baixos-relevos tão interessantes da Citânia são decididamente menos antigos do que nós os julgáramos. É com as antiguidades escandinavas que eles têm relações e há motivos para os atribuir aos Visigodos e aos Suevos. Os Godos e diversas outras tribos escandinavas adoptaram símbolos muito mesclados, já dos Orientais, já dos Celtas.

Segundo se depreende dum artigo, *La Citania de Briteiros*, publicado mais tarde na *Revue Archéologique* (Setembro de 1881), o sr. H. Martin na sua carta não exprimia propriamente a sua opinião pessoal, mas a de alguns sábios franceses, cujo nome eu ignoro, devendo somente acreditar que entre eles se distinguem os directores

¹ Principalmente no *Occidente* (II, 157-8). Especifico este jornal, porque o leitor que queira conhecer de perto a arte, de que se trata neste trabalho, encontrará ali alguns *specimens* dela. Vid. também *A Renascença*, pág. 44-5.

daquele excelente jornal, os quais, não é inútil dizê-lo, conhecem os nossos baixos-relevos apenas por fotografias.

Eu pedi licença para discordar duma decisão, que contrariava tão formalmente o meu modo de ver, e expus algumas objecções, que o sr. H. Martin teve a bondade de reproduzir no artigo a que acima aludi. Vou resumir as objecções principais.

Primeira. Na Citânia, de envolta com restos duma portada, ornamentada no estilo que se diz germânico, apareceu uma padieira que fazia parte da mesma portada, e onde se lê o nome de CAMAL. Uma outra padieira, muito semelhante a esta, contém o nome de CORONERVS, filho de Camal, e as letras desta inscrição, que são muito características, remontam, segundo os mestres, ao primeiro século da nossa era. Aqui teríamos então que na Citânia existiu uma arte importada pelos Germanos, quatro séculos antes da entrada dos Germanos na Espanha—o que não pode ser.

A esta objecção replicava a Direcção da *Revue Archéologique* com a nota seguinte: “Os caracteres das inscrições (fig. 2 e 3)² são indubitavelmente caracteres romanos; mas o sr. Sarmiento com certeza está em erro, atribuindo-os ao primeiro século da nossa era. Seria isso, em todo o caso, um facto inteiramente particular a Portugal. Se eles são do primeiro século, não condizem nada com as belas formas desta época.”

À opinião respeitável dos directores da *Revue Archéologique* eu vou opor a opinião não menos respeitável dum sábio, que, além de gozar da reputação dum dos primeiros, senão do primeiro epigrafista da Europa, tem a vantagem de conhecer *de vista* não só os monumentos da Citânia e de Sabroso, mas os duma grande parte da Espanha.

Aqui esta o que se dignou responder o sr. E. Hübner à consulta que lhe fiz sobre o ponto em litígio:

“Fixar a data duma inscrição unicamente pelo carácter paleográfico das suas letras é uma questão longa e difícil. Antes de

² A inscrição da padieira *Camali* e da padieira *Coroneri Camali domus*, de que a *Revue Archéologique* dá as gravuras

nada, há que atender aos lugares, onde as inscrições são achadas. Se letras como as de Camalus Coroneri aparecessem, por exemplo, sobre uma lápide de procedência italiana ou francesa (em Lyon, Narbona, etc.), poderia decidir-se com sobeja confiança que a forma das letras um pouco compridas e esguias, que a ligadura do N e do E, enfim que o carácter em tudo rude da escrita era diverso da boa escrita da época de Augusto. Mas na Lusitânia, e mesmo em toda a Espanha, é inteiramente diferente. Aqui as inscrições da época de Augusto são muito raras, quase tão raras como as da época republicana, das quais se conta um muito pequeno número, achadas exclusivamente na costa oriental da Península e no vale do Bétis. Sobre isto tenho eu feito um estudo especial. As dos sítios orientais e meridionais da Espanha são, com pequena diferença, do mesmo género que as suas contemporâneas do meio-dia da França; mas as do norte e do ocidente estão num caso muito outro. Aí, por toda a parte, os caracteres conservam um certo cunho bárbaro, que só mais tarde se amoldou às formas usuais do Império.

“Quis-me sempre parecer, atenta a impressão geral que me deixou a civilização destas regiões, que depois da conquista dos Romanos houve da parte desta gente, Astures, Galegos e Lusitanos, um esforço tal qual, provavelmente forçado, para se assimilar aos costumes dos conquistadores, mas que por fim de contas a romanização, por assim dizer, nunca pôde vingar bem; não é preciso ir muito abaixo da superfície para logo descobrir a barbárie antiga. Depois, não é só à paleografia que havemos de pedir subsídios; temos de levar em conta a raridade mesmo das inscrições e sobretudo a sua extrema concisão.

“Nem um só *Dis Manibus*; nem uma das fórmulas, por toda a parte vulgares, *hic situs est*, etc; nenhuma indicações sobre a vida do defunto ou do glorificado, sobre a sua posição civil; enfim um estilo inteiramente à parte, fora da influência das leis e dos usos romanos. Em vista disto, eu tenho dito para mim, que, se pouco depois da conquista os habitantes se tivessem submetido àqueles usos e leis, as suas inscrições haviam de seguir as regras gerais da epigrafia romana.

Provas desta submissão não faltam de todo, é facto; são porém muito restritas. E, a meu ver, tudo o que o cunho indígena deve ser considerado como anterior àquelas influências e por consequência como pertencendo, pouco mais ou menos, à época de Augusto. Eu digo pouco mais ou menos, porque ninguém está no caso de precisar o tempo que durou a luta entre a barbárie indígena e a civilização estrangeira. Se V. quiser colocar o seu amigo Camalo e toda a família dele, antes na época de Tibério ou de Cláudio, que na de Augusto, não serei eu quem me oponha. Poderemos mesmo dizer que a fabricação das vasilhas com as marcas *Arg-us* ou *Airg-us Camalus* é possível que durasse até o fim do primeiro século; mas daí por diante eu nem sequer acredito que houvesse na Citânia, em Sabroso. e em Santa Iria, um número de habitantes de importância mesmo relativa. E pois a impressão dum complexo de factos, tanto positivos, como negativos, que me levou a aceitar com plena confiança a data que V. atribuiu aos monumentos epigráficos da Citânia. Mas esta data, a meu juízo, acaba de ser inteiramente confirmada pelo exame paleográfico. Eu nunca vi na Espanha, em inscrições do segundo século, um M tão escachado e tão massudo, como os que se encontram em *Camali* e em *Domí*³; o E de *Coroneri* conserva a antiga igualdade das três linhas transversais; os R R têm o apêndice quase inteiramente direito e a todas as letras faltam os *ápices*, os ângulos pontudos no cimo e na base dos traços e enfim todo o aspecto elegante e perfeito da escrita epigráfica romana, a partir do segundo século. Não repetirei aqui que os ornatos arquitectónicos da Citânia e de Sabroso têm para mim, como para V., o carácter inteiramente primitivo, céltico, ou, melhor, lusitano, sobretudo indígena (V. sabe que eu sou um partidário convicto das civilizações indígenas, e que, em coisas destas, desconfio de toda a

³ O sr. E. Hübner alude à inscrição, ultimamente encontrada na Citânia, e que teve ocasião de examinar quando no verão passado visitou aquelas ruínas. Eis o seu *fac-simile*, pouco mais ou menos:



Na segunda linha há um nome muito apagado, que o sr Hübner entendeu ser CATVRO.

importação que não tenha a seu favor provas decisivas). Seja porém qual for a sua origem, não foram com certeza os Alanos ou os Suevos do V século quem construiu as paredes, os envasamentos e menos ainda as cabanas da Citânia — eles que não deixaram na Espanha um só monumento arquitectónico, a não ser algumas pequenas basílicas.”

Destas reflexões, a tantos respeitos instrutivas, resulta que no entender do sr. E. Hübner, se dá com a inscrição *Coronero* um dos casos, previstos pelos directores da *Revue Archdologique*: as letras desta inscrição, sendo do primeiro século, sem condizerem com as belas formas da época de Augusto, se não constituem um facto particular a Portugal, constituem um facto aplicável a Portugal, o que para o nosso ponto vale o mesmo.

Escusado é acrescentar que, se os sábios franceses, aos quais, coma devida autorização, comuniquei a carta do insigne epigrafista de Berlim, assentirem à doutrina que nela se estabelece, como penso que sucederá, a hipótese da procedência germânica dos nossos baixos-relevos fica completamente morta. Em todo o caso vou dar conta duma segunda objecção, que o sr. H. Martin igualmente reproduziu no seu artigo, e faço-o sobretudo, porque ela ofereceu ensejo ao sábio arqueólogo para me opor nova réplica, bem que em terreno muito diverso do dos seus colegas.

Segunda objecção. Em Sabroso, onde se encontram baixos-relevos idênticos aos da Citânia, não se descobre o mínimo vestígio de influência romana, um só fragmento de Objectos de indústria romana, e pelo contrário são abundantes os objectos de indústria pré-romana, especialmente fragmentos de cerâmica, chamada céltica⁴. Admitir que Sabroso foi habitado durante a dominação germânica, sendo de então que datam, os baixos-relevos de estilo germânico, é uma hipótese inaceitável, pois que se não pode acreditar que os seus habitantes, quer germanos, quer indígenas germanizados, apenas nos deixassem relíquias da sua arquitectura e nenhum objecto mais, um só fragmento de qualquer objecto de indústria, dominante nos seus tempos.

⁴ Sobre o carácter arcaico dos achados do Sabroso pode ver-se *A Renascença*, pág. 118-25

Ignoro ainda que consideração deram os arqueólogos franceses às observações que contrapus ao seu aresto.

O sr. H. Martin terminava o seu artigo com estas palavras: “Sem pretender resolver a questão, farei a seguinte reserva provisória — substituir “anteriores (baixos-relevos) aos Germanos” a “anteriores aos Romanos”. Os habitantes da Citânia bem podiam, sob os Romanos, continuar a construir e a ornamentar as suas construções no mesmo estilo que dantes se praticava em Sabroso. O próprio sr. Sarmiento não faz remontar a inscrição da casa Camal além do I século.

“Eu ajuntarei, pela minha parte, a seguinte observação: é que sobre estes baixos-relevos nem se vê a cruz dos cristãos, nem os dragões de Odin; e, não obstante, os invasores teutónicos da Espanha no V século eram lá na sua grande maioria cristãos arianos.”

Como se vê, o sr. H. Martin é tão pouco a favor da hipótese germânica, que me oferece contra ela um argumento novo; mas a substituição que ele aconselha implica uma nova hipótese, que eu não posso subscrever.

Pelo seu alvitre, não seria aos Germanos mas sim aos Romanos que havia-mos de ir pedir o segredo do estilo ornamental, que nos ocupa.

Já no princípio do seu artigo o sr. H. Martin tinha acentuado a ideia de que “algumas das formas mais características, tais como os torsos e entrelaços (que tanto se encontram nos nossos baixos-relevos, como nos escandinavos) eram já conhecidos da antiguidade clássica.”

À mesma ideia obedece, o sr. Hunger, quando na *Revue Celtique*⁵, discutindo a origem dos ornatos da “miniatura irlandesa”, onde também predominam, por exemplo, os entrelaços, hesita se há-de abraçar a opinião comum sobre a sua originalidade bárbara, se declará-los uma imitação das formas usuais na arte clássica.

Vem aqui a propósito, bem que o não pareça, mencionar também a observação do sr. Virchow, observação que eu já tinha feito,

⁵ I, 9-26.

sobre as analogias, deixem-me dizer, surpreendentes entre alguns ornatos de Micenas e alguns ornatos da Citânia⁶.

Mas todas estas aproximações e outras que poderiam aduzir-se, para as quais contribuem monumentos de regiões tão distantes, e a maior parte deles tão afastados do pretendido foco da sua irradiação, não inculcarão a mesma comunidade de origem, que a arqueologia tem demonstrado para tantos outros produtos das civilizações antigas?

No campo das hipóteses, a disputa pode prolongar-se indefinidamente, como quase sempre acontece, quando as razões se não inspiram, ou não podem inspirar, de factos positivos que as tornem decisivas; porém nas nossas ruínas não faltam inteiramente factos positivos e é a autoridade deles que eu vou contrapor à autoridade do meu sábio contraditor.

Como explicar a analogia entre os ornatos da Citânia e de Micenas?

Por um mero acaso, não.

E, porque os Romanos receberam da Grécia a sua educação artística e na Citânia há sinais manifestos de influência romana, não repugna acreditar que fosse o romano quem efectuasse a transmissão das formas ornamentais, que se encontram nas duas extremidades da Europa.

Mas já é para surpresas que os Romanos conquistadores do ocidente da Espanha, isto é, os Romanos do tempo de Augusto, somente introduzam na Citânia formas ornamentais arcaicas, tão arcaicas; que se confundem com as de Micenas de Agamemnon (se são verdadeiras as conjecturas do sr. Schliemann), e nenhuma outra das que, dominando na sua época, viessem contrastar com a rudeza bárbara, mas, note-se bem, homogénea, de tudo o que na Citânia se encontra.

Ainda assim, a presença dos Romanos na Citânia, ou a sua influência, atestada por mais que um indício, pode fornecer uma base

⁶ No opúsculo que corre com o título: *Aus den Verhandlungen der Berliner anthropologischen Gesellschaft*, pág. 345. Aproximações entre a ornamentação dos túmulos do norte e a de Micenas já têm sido feitas também, Vid. *Revue Celtique*, no lugar citado, pág. 16.

tal qual àquela suposição.

Mas Sabroso? Aqui, não nos cansaremos de o repetir, a influencia romana é absolutamente nula, e todavia o estilo ornamental da Citânia cá nos aparece em mais que uma construção.

É crível que os Romanos introduzissem em Sabroso a sua arquitectura, o seu estilo ornamental, e nada mais, nem um só produto da sua indústria, nem sequer algumas telhas para guarnecer as casas, cujos portais ornavam de baixos-relevos?

E que estamos nós a falar de arquitectura romana e de estilo ornamental romano em Sabroso?! As cabanas circulares de Sabroso, o seu aparelho, a sua disposição, todos os seus acessórios arquitectónicos não têm nada que ver com a arquitectura romana. Tudo aquilo constitui uma arquitectura perfeitamente característica, mas ainda mais: perfeitamente bárbara e, para dizer-se que tal arquitectura deve o quer que seja à influência romana, é necessário não a ter visto.

Argumentando com as reminiscências da antiguidade clássica para as justificar em face de Sabroso, seria preciso admitir que os habitantes desta povoação, namorando-se de certos ornatos que viram em monumentos romanos, não importa onde, nem quando, os vieram copiar nas pedras dos seus edifícios. Nada lhes agradaria naqueles monumentos, senão certas e determinadas formas de ornato, com exclusão de todas as mais, e exactamente as formas idênticas às de Micenas, e a outras, que não só não destoam daquele estilo característico, mas andam associadas com elas⁷.

O meu espírito recusa-se de todo em todo a perfilhar

⁷ Exemplos: na Citânia encontra-se uma cruz, associada com um suástica de braços curvos, exactamente como na fig. 385 da obra do sr. Schliemann, *Mycènes* (tradução francesa). A cruz da Citânia tem a mesmíssima forma que a de Micenas; o suástica difere um pouco, porque o de Micenas tem quatro braços, o da Citânia três. A suástica (adoptamos a denominação que o sr. Schliemann dá a estas figuras) de três braços é vulgar em Micenas (fig.428 e *passim*). A de quatro é também vulgar na Citânia, e acha-se associado com os ornatos que se podem ver *n-A Renascença*, págs. 44-5, fig. 6; com uma figura que se assemelha a uma igual à que entra na ornamentação da *Pedra Formosa* (*A Renascença*, fig. 8), salvo que este é composto de linhas dobradas e o outro duma só linha, etc.

semelhantes suposições. Ainda hesitaria em aceitá-las “provisoriamente”, reflectindo que as não enjeitam sábios como o sr. H. Martin, dado o caso de estar plenamente demonstrado que só a antiguidade clássica tinha o monopólio dos ornatos em questão. Mas eu escuso de sair de Sabroso, para me certificar de que os seus habitantes conheciam tudo isso, antes de saberem que existiam Romanos: basta-me olhar para os seus objectos de bronze e muito principalmente para a sua cerâmica, que, embora seja uma indústria imitada, é inegavelmente local.

Nesta cerâmica os torsos, os entrelaços e ornatos congéneres encontram-se a cada passo e toda esta ornamentação, que o sr. H. Martin, na carta que já citei acima, classifica de “ornamentação céltica dos dólmenes”, deve tanto ou tão pouco à influência romana, que é precisamente a influência romana, com a concorrência da sua indústria cerâmica, que lhe dá o golpe de morte, como é manifesto a todo aquele que estudar os achados da Citânia e de Sabroso sob este ponto de vista.

Assim os habitantes de Sabroso não conheciam somente a ornamentação, que se atribui à antiguidade clássica; muito antes que os Romanos lha pudessem ensinar, estavam fartos de a aplicar nos seus artefactos; e isto é um facto tão positivo e irrefragável, que desafia a crítica mais meticulosa.

Não se exigirá decerto que produzamos a favor da arte de gravar em pedra provas da mesma espécie, que as aduzidas a favor da arte de gravar em barro. As únicas provas cabais são os próprios monumentos; mas, desde que eles se tornam o *quod demonstrandum*, claro é que nos fica cortado o recurso dos factos positivos, restando-nos apenas o das induções.

Aí mesmo porém o terreno que trilhamos não nos parece mais desvantajoso, que o dos nossos opositores.

Temos em primeiro lugar o facto certo das aptidões artísticas dos nossos ocidentais e o seu talento prático de burilar no barro uma série dada de motivos ornamentais.

Temos o facto não menos certo de que nos baixos-relevos da

Citânia e de Sabroso o artista dispõe de uma ornamentação, que tem com a do oleiro incontestáveis relações⁸. Há, mesmo no processo, empregado por um e outro, uma particularidade significativa: toda a ornamentação no barro é aberta a buril; em relevo apenas encontramos o torso, ou cordão torcido, quer singelo, quer dobrado.

A mesma coisa se dá com o escultor: todos os ornatos na pedra são abertos a cinzel; em relevo apenas encontramos o torso, quer singelo, quer dobrado⁹.

O que nos falta, para aceitarmos com plena confiança que do mesmo povo, de onde saiu o artista oleiro, saiu também o artista escultor? É que, se abundam provas de que os povos pré-históricos conheciam a arte de gravar em barro nenhuma temos de que soubessem a arte de gravar em pedra?

Mas entre os povos pré-históricos, nomeadamente os do ocidente, a gravura em pedra não só era conhecida, ruas chegava quase a mania. E, tendo-a em vista, que o sr. Desor deu a esta gente a denominação de "*race écrivaineuse*".

Sem falar nas gravuras dos dólmenes, o número total das rochas esculpturadas, só no ocidente, deve ser prodigioso quando conhecido, pois que já o não é pouco o daquelas, de que nos chegou notícia.

Desses rudes desenhos aos baixos-relevos da Citânia dir-se-á que a distância é grande.

Mas façamos a experiência, sem sair das nossas ruínas.

Dentro dos muros da Citânia encontra-se sobre uma laje a gravura duma espiral dum carácter tão primitivo, como muitos outros sinais, círculos, etc., vulgares nos penedos desta povoação, na de Sabroso e noutras mais do nosso país, e igualmente vulgares, diga-se

⁸ No número já citado d-O *Occidente* tratei de pôr em relevo estas relações, cotejando a ornamentação do bronze, do barro e da pedra, à vista da cópia de alguns objectos, achados em Sabroso. Encarei porem estas relações só por uma das suas faces.

Com desenhos à vista, poderia mostrá-las por muitas outras.

⁹ Para ser rigorosamente exacto, devo acrescentar — salvo uma excepção até hoje conhecida.

de passagem, nos dólmenes do ocidente. Na padieira — Coronero, atrás mencionada, a espiral aparece já transformada num ornato tão nítido, como os demais baixos-relevos, e harmonizando com eles¹⁰. Para obter esta nitidez, bastou refundar a cinzel sobre a superfície plana da padieira a linha enroscada, que na laje apenas estava esboçada, e arredondar o relevo, produzido pelo rebaixo dos dois sulcos paralelos. Se acolá a espiral era formada por uma linha levemente gravada na superfície da laje, aqui ficou formada pela espécie de cordão que o rebaixo dos dois sulcos paralelos fez ressaltar, e que se tornou a dominante, enquanto que na laje a dominante era a linha¹¹.

Salvas poucas exceções, os baixos-relevos da Citânia e de Sabroso são obtidas pelos mesmos meios de execução; e às vezes alguns deles, como pode ver-se na padieira, de que *A Renascença*, pág. 44-5, fig. 6, dá o desenho, se não são inferiores, também não são superiores a algumas gravuras, que tenho encontrado em lajes.

Vê-se pois que dos rudes desenhos das lajes aos baixos-relevos, que se pretendem filiar na arte clássica, a distância é infinitamente pequena e que as suas relações indicam mesmo, mais ou menos vagamente, um caminho, que apesar de um adágio nosso, não pode levar a Roma.

Em resumo, os baixos-relevos de Sabroso e da Citânia revelam-me o mesmo carácter de arcaísmo, que a arquitectura e a

¹⁰ Pode verificar isso quem examinar *O Occidente*, fig. 1.^a.

¹¹ A característica desta antiga ornamentação parece com efeito ser o cordão, substituído à linha. Nas ruínas da Cividade (Âncora) apareceu uma portada, do mesmo estilo que a de Sabroso. publicada pel-*O Occidente*, de cuja ornamentação principal quem quer pode ter uma exacta ideia, fazendo uma trança de quatro “pernas”, sendo cada perna formada de quatro cordões paralelos.

Já que falei nas relíquias da arte que se discute, encontradas fora da Citânia e Sabroso, acrescentarei que na Cividade apareceram, além da portada já mencionada, mais três pedras com baixos-relevos; perto do Castelo de Vermoim, duas, e próximo do monte da Saia quatro capitéis de feitio estranho, que me parecem da mesma época.

Quantas não apareceriam mais, se as procurassem! Eu não digo se as desenterrassem: uma das pedras de Vermoim, em que se encontra a mesmíssima ornamentação de Sabroso, serve, há muitos anos, de padieira ao portal duma quinta.

cerâmica pré-romana, que lá se encontra, e a harmonia e a homogeneidade nas manifestações destas três artes para mim é tal e tão axiomática, que estou profundamente convencido de que, descoberto o centro de onde uma delas irradiou, está achado o segredo da misteriosa civilização dos povos ocidentais.

Eis as razões que me inibem de aceitar a substituição, proposta pelo sr. H. Martin, e me forçam a manter a minha afirmativa: baixos-relevos anteriores aos Romanos, isto em absoluto, é claro, e tendo unicamente em vista a questão de origem. De resto, eu não estou somente persuadido de que a arte, que eles nos acusam, continuou a sob os Romanos"; estou persuadido de que se prolongou "sob os Germanos"¹²

Depois de remetido a um dos directores *d-A Arte Portuguesa* o trabalho, mencionado na epígrafe deste artigo, recebemos do sr. H. Martin a seguinte carta, datada de 30 de Dezembro de 81:

"Entreguei ao sr. Alexandre Bertrand a importantíssima carta do sr. Hübner. E ela decisiva no ponto essencial.

"Com a sua alta competência o sr. Hübner estabelece que aquilo, que aos nossos epigrafistas se afigurava um indício de baixa origem, é pelo contrário um sinal da anterioridade nessa região hispano-portuguesa que ele especialmente conhece sob o ponto de vista epigráfico. Falo da irregularidade dos caracteres. Quanto às linhas e figuras ornamentais, nas quais até agora se procurava uma origem germânica, a minha opinião parece justificada, a saber: que este sistema de ornamentos simbólicos foi introduzido na Lusitânia pelo oriente, e não pelo norte, e se misturou aí com ornamentos célticos."

O final desta carta far-me-ia crer que eu abracei a nuvem por

¹² Nunca me há-de esquecer a surpresa que senti ao encontrar, entre os ornatos duma antiga igreja de Valença do Minho, um suástica de quatro braços, exactamente igual aos da Citânia. Nos arcos cruzeiros de igrejas antigas como a de S. Miguel do Castelo (Guimarães), não é raro encontrar uma amamentação curvilínea, que traz logo à ideia a amamentação de Sabroso; e eu tenho dito comigo que é bem provável que acontecesse entre nós o mesmo, que o sr. Henri Martin supunha ter acontecido com a velha arquitectura da França. Como é que precisamente neste campo, eu tenho a desfortuna de achar-me em desacordo com o autor dos *Études d Archéologie celtique?*

Juno, supondo que o sr. H. Martin não estava longe de atribuir aos Romanos a procedência dos nossos baixos-relevos. As palavras, que originaram este equívoco, foram fielmente traduzidas do seu artigo, e relendo-o hoje, eu seria vítima da mesma ilusão, sem a sua declaração formal que a torna impossível.

Felicito-me por isso. Desta discussão resulta pois:

1.º Que a ornamentação dos baixos-relevos de Sabroso e da Citânia não são de origem germânica, nem para o sr. H. Martin, nem para os directores da *Revue Archéologique*;

2.º Que ela não é de origem romana, pelo menos para o sr. H. Martin;

3.º Que na opinião do insigne arqueólogo, a sua origem é oriental, mas misturada com uma ornamentação céltica, que lhe era anterior.

Nos dois primeiros pontos eu subscrevo inteiramente as decisões de tão doutos mestres. Quanto ao terceiro, até provas em contrário, eu persisto, embora só, nas minhas convicções.

Que seja de origem oriental a ornamentação, que se discute, já eu o alvitrei, há mais de dois anos no número por vezes citado d-*O Occidente*; mas, pelo que respeita aos Celtas, além de eu não ver senão homogeneidade no estilo ornamental das nossas ruínas, é talvez sabido por alguns leitores que eu atiro o machado à raiz da questão, afirmando que a Lusitânia ficou inteiramente alheia à dominação e influência céltica.

É o que fiz num opúsculo intitulado — *Os Lusitanos*, e o que continuo a fazer em artigos mais desenvolvidos na *Revista Scientifica*.

Folgaria imensamente que me demonstrassem se estou em erro ou não; porque o meu único intuito é acertar com a verdade.